

A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS – UNIVALI PARFOR

Aline Amaral de Freitas¹

Julieta Jaurretche²

RESUMO: Este artigo refletirá a importância do estágio obrigatório supervisionado nos cursos de licenciatura, o qual consiste na realização da prática pedagógica em sala de aula (docência) por acadêmicos como forma de integração entre aprendizado e a experiência prática indispensável para uma formação profissional de qualidade. O estágio objetiva a reflexão das práticas de estágio e as percepções advindas destas intervenções. Assim, também acontece durante esta prática a coleta de dados, além dos registros, a reflexão, a análise fundamentada e a avaliação do processo para registro que resulta na inserção dos acadêmicos nos reais contextos e espaços que irão atuar. A metodologia que orientou este artigo foram as reflexões e percepções obtidas durante as intervenções de estágios registradas nos portfólios e relatórios construídos no decorrer dos cinco períodos dos estágios nos diferentes espaços. Esta prática com os contextos diversos é essencial durante o percurso de formação, pois fomenta as reflexões e possibilita o contato com os diferentes espaços de atuações em todos os níveis da Educação básica até o ensino técnico profissionalizante em espaços formais e não formais de educação, refletindo sobre cada espaço, sujeitos e metodologias diferenciadas a serem abordadas durante suas atuações profissionais, dimensionado assim sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem e formação docente dos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Estágios. Formação Docente. Arte Educação.

1 Introdução

Este artigo tem como foco apresentar a reflexão fundamentada da experiência acadêmica durante a realização do estágio de docência dos licenciandos em Artes Visuais Convênio UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí e PARFOR – Programa de Formação de Professores da Educação Básica.

O curso de Artes Visuais UNIVALI PARFOR teve seu início no ano de 2010 em parceria da CAPES e da Universidade do Vale do Itajaí. O PARFOR- Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica na modalidade

¹ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – PARFOR-UNIVALI, bolsista PIBID-CAPES, bolsista PROLER UNIVALI, pesquisadora no GP PPGE – UNIVALI.

² Acadêmica do Curso de Artes Visuais – PARFOR-UNIVALI, bolsista de Extensão do PROLER UNIVALI

presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES.

O público atendido é formado por professores de redes públicas da região do Vale do Itajaí, que efetivamente atuam como professores de Arte sem ter a formação específica. Assim, o curso vem acontecendo desde o primeiro semestre do ano de 2010 e terminará neste corrente ano de 2013 no segundo semestre. Mesmo o público, sendo de docentes acadêmicos, já estivessem inseridos na educação básica como professores, alguns com outra graduação, outros com nenhuma graduação concluída, os quesitos curriculares de formação segue ao regulamento havendo a necessidade das disciplinas de Estágio Obrigatório Supervisionado como qualquer outro curso de licenciatura.

Tais estágios cujo objetivo se direciona a proporcionar ao acadêmico o contato com a realidade na qual atuará no âmbito de sua carreira docente. O estudo se caracteriza como um momento de análise e apreensão do contexto real, como um elemento inseparável do conhecimento teórico. É parte integrante do processo de formação inicial e constitui-se como espaço, tempo, comunidade e conhecimento por excelência, em que se realiza a união entre a teoria e a prática. Assim disposto em UNIVALI, (2011, p. 11) no artigo 3, capítulo I, Título I, estabelece como finalidade, “assegurar aos professores em formação a reflexão sobre a prática docente em experiências de exercício profissional, que ampliem e fortaleçam atitudes, habilidades e conhecimentos”.

Segundo consta no art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, quanto a formação dos profissionais da educação, terá como fundamentos, cito alguns deles:

- I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;
- II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;
- III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.”

A distância entre teoria e prática aplicada vem sendo objeto de reflexões por parte de arte educadores intencionados em modificar essa situação.

Oliveira e Cunha (2006, p. 6) afirmam referindo-se quanto aos estágios que: “podemos conceituar Estágio Supervisionado, portanto, como qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho.” Destacando assim a importância para a formação inicial de docentes e ou licenciandos em formação.

As disciplinas de Estágio Obrigatório Supervisionado aconteceram desde o 4º período até o 8º período, divididos por nível de ensino nos diferentes espaços da educação básica formal e espaços profissionalizantes, técnicos e não formais de educação como espaços culturais. A prática de estágio na docência é sem dúvida parte essencial na formação de acadêmicos, pois está definida na legislação federal – LDB nº 93949/96 – e é discutida no Parecer CNE/CP Nº 27/2001 (BRASIL, 2001):

Deve ser vivenciado durante o curso de formação e com tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões da atuação profissional. Deve, de acordo com o projeto pedagógico próprio, se desenvolver a partir do início da segunda metade do curso, reservando-se um período final para docência compartilhada, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistente de professores experientes.

Dessa forma, diante das peculiaridades direcionadas e discutidas em todo o contexto histórico educacional quanto à formação docente, é necessário que a educação brasileira encontre o fortalecimento da formação docente para garantir o profissional preparado, com prática consolidada, seguro de sua formação não somente no campo do conhecimento teórico, mas também sensíveis às necessidades e expectativas que a comunidade escolar espera de si. Assim, somente perceberá e refletirá, mediante às práticas vivenciadas, experienciadas e aplicadas no espaço escolar durante suas intervenções de estágios no decorrer de suas formações.

As metodologias apropriadas nas abordagens teóricas e metodológica mediada por meio da autoria de Ana Mae Barbosa (1975), uma das grandes e mais

reconhecidas teóricas no campo da arte educação, porém esta abordagem permite uma prática docente flexível baseada no tripé: conhecer/contextualizar, apreciar/reflexão e experimentar/fazer artístico, não necessariamente nesta ordem.

Viremos então refletir nos próximos parágrafos os espaços, as práticas docentes em Arte observadas, as metodologias aplicadas, a reflexão do perfil do docente para estes espaços, as diferentes categorias de espaços educacionais que aconteceram as aqui ora discutidas práticas de estágios estes espaços percebidos, refletidos e experienciados durante as práticas de estágios supervisionados obrigatórios.

2 Desenvolvimento

2.1 A Escola como espaço de respeito e a formação docente do licenciando

Pensando a Escola enquanto uma organização social complexa de ação política, que deve ser refletida como espaço de respeito, de socialização, estético, de cooperação, de participação e aprendizagens diversas principalmente no âmbito cultural, pensando na formação dos sujeitos com suas próprias culturas possuidores de autonomias, criticidades, de direitos e deveres também. Não cedendo a inabilidades de expressão ou muito menos de transgressão as suas habilidades e identidades, mas deve ser uma escola que aborda as múltiplas linguagens e expressões vinculadas à cultura e à vida em sociedade, que respeite suas realidades e culturas, oportunizando ferramentas para se constituir como homens pensantes, críticos e sensíveis.

Segundo BRASIL (2009), na Resolução nº1, que aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras Providências que no,

Art. 4º O curso de graduação em Artes Visuais deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades para: IV - atuar nos diferentes espaços culturais, especialmente em articulação com instituições de ensino específico de Artes Visuais. (...) Parágrafo único. Para a Licenciatura, devem ser acrescidas as competências e habilidades definidas nas Diretrizes

Curriculares Nacionais referentes à Formação de Professores para a Educação Básica.

O docente licenciando em Arte necessita perceber e refletir tais espaços para arte educação nos âmbitos formais e não formais. Esta necessidade parte da abrangência de especificidades para cada momento, cada espaço, cada público, cada metodologia a ser aplicada, cada contexto a ser percebido.

Assim, a prática na matriz curricular dos cursos de formação não pode ficar reduzida a um espaço isolado, que a reduza ao estágio como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso. (...) Nessa perspectiva, o planejamento dos cursos de formação deve prever situações didáticas em que os futuros professores coloquem em uso os conhecimentos que aprenderem, ao mesmo tempo em que possam mobilizar outros, de diferentes naturezas e oriundos de diferentes experiências, em diferentes tempos e espaços curriculares (...) (BRASIL, CNE, 1/2002, p.57)

A interação, análise e reflexão sobre estes diferentes espaços durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais PARFOR UNIVALI deu-se primeiramente nas disciplinas de Práticas Docentes: projetos integrados, desde o primeiro período de formação estendendo-se para práticas reflexivas nos estágios supervisionados obrigatórios do quarto ao oitavo período da graduação.

Tais disciplinas sejam elas de Prática Docente e principalmente a de Estágio Obrigatório Supervisionado permitiu o contato afim de conhecer, perceber e refletir estes diferentes espaços educacionais identificando assim suas especificidades, oportunidades, carências e necessidades ao que se refere o campo educacional. Tais reflexões não aconteceram meramente isoladas, pois foram reflexões mediadas, discutidas e socializadas no âmbito de grupo e das mediações de docentes da Universidade.

Assim, há que se distinguir, de um lado, a prática como componente curricular e, de outro, a prática de ensino e o estágio obrigatório definidos em lei. A primeira é mais abrangente: contempla os dispositivos legais e vai além deles. A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino (...) É fundamental que haja tempo e espaço para a prática, como componente curricular, desde o início do curso (...) (BRASIL, CNE, 1/2002, p.9)

Entre a prática docente como componente curricular desde o início do curso, o estágio vem figurar também um importante processo na aprendizagem dos

futuros docentes de Arte. Pois efetiva suas práticas voltadas para todo o âmbito de conhecimentos adquirido no decorrer do curso efetivando, consolidando a prática supervisionada. Diante disso, segundo o Conselho Nacional de Educação configura-se o estágio supervisionado obrigatório:

Por sua vez, o estágio supervisionado é um conjunto de atividades de formação, realizadas sob a supervisão de docentes da instituição formadora, e acompanhado por profissionais, em que o estudante experimenta situações de efetivo exercício profissional. O estágio supervisionado tem o objetivo de consolidar e articular as competências desenvolvidas ao longo do curso por meio das demais atividades formativas, de caráter teórico ou prático. (BRASIL, CNE 15/2005, p.3)

2.2 Espaços formais e não formais educacionais de intervenções durante o estágio docente, que espaço é esse?

Diante da possibilidade e regulamento dos estágios abrangerem os espaços de educação formal e não formal esclareceremos nos próximos parágrafos esclarecer quais são estes espaços e qual a importância da vivência para formação docente do arte educador e para o educando.

A educação formal possui a função de preparar o educando para atuar efetivamente junto à sociedade, para tanto oferece o conhecimento científico em Espaços Institucionais de reconhecimento do Ministério da Educação, sejam eles públicos ou particulares.

O espaço formal de educação é conhecido como o espaço escolar que está relacionado às Instituições Escolares de Educação Básica e do Ensino Superior, definidas na lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É a escola, com todas as suas dependências físicas e arquitetônicas como: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório. O espaço formal diz respeito apenas a um local onde a Educação ali realizada é formalizada, garantida por Lei e organizada de acordo com uma padronização nacional com seus sistemas de organizações.

Segundo Arroio (2011 p.96), no que se refere à escola como oficina de saberes e valores ressalta quando coloca que,

A experiência da escola é uma oficina carregada de saberes diferentes daqueles aprendidos na experiência familiar. Saberes sobre outros tipos humanos, outras formas de ser, pensar e interpretar a vida, de ser

menino(a) jovem, adulto. O adulto professor(a) revela dimensões outras únicas, relações outras específicas, de adulto-educador.

Através das reflexões advindas do contato com os espaços a serem trabalhados pelos futuros docentes, permitiu-se compreender que a formação do cidadão permeia pela conscientização no âmbito da cultura, toda e que qualquer manifestação deve ser respeitada e incluída sendo reflexo da expressão humana. Assim, “reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a diversidade cultural” (HORTA, GRUNBERG & MONTEIRO, 1999, p.7), é compreender que não existem culturas mais ricas ou importantes do que outras é sim compreender que não existem culturas superiores a outras compreendendo que a heterogeneidade deve ser extremamente percebida no processo de reflexão.

A necessidade de abranger e cativar um público efetivo de visitantes tem sido revistos os projetos e as relações dos museus, espaços culturais, científicos e históricos com as escolas de Educação Básica, tornando estes espaços em espaços de educação não formais. Para aqui então refletirmos e tentarmos estabelecermos e definirmos os espaços não formais de Educação podemos dividir em duas categorias: espaços que são Instituições e espaços que não são Instituições.

Diante destes espaços que se configuram por instituições não formais de educação destacaremos que são regulamentados e que possuem uma equipe técnica envolvidas nas atividades relacionadas nos espaços, sendo o caso do Museus, Centros Culturais, Casas de Culturas, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoobotânicos, Jardins Botânicos entre outros. Já os espaços abertos, ambientes naturais e ou urbanos que não estão ligados a uma Instituição, mas, que seja possível adotar práticas educativas se encaixaria na categoria de espaços não formais que não são Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos parques, rua, praças e demais tantos outros espaços que comportem.

Diante do Estágio em espaço de educação não formal o qual aconteceu no 8º período do Curso de Artes Visuais PARFOR UNIVALI deu-se na Fundação

Cultural de Itajaí – Casa da Cultura Dide Brandão sendo um local reconhecido como museu. Baseando-se na recomendação feita na ‘Declaração de Caracas’ de 1992, quanto à importância da educação não formal em museus ressalta que,

O museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e auto-estima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva.

Acredita-se que a mediação educativa nestes espaços torna-se estratégias que fomentarão a formação educacional e cultural dos indivíduos de todos os grupos sociais, idades e formação direcionando e possibilitando acesso, experiências e vivências privilegiando a aprendizagem por meio do conhecimento e reflexão identificando-se como sujeitos imersos e produtores de culturas ao longo de suas experiências.

Para Arroyo, com seu positivismo esperançoso quando se trata dos conteúdos sequenciados ressalta que, “É esperançoso que tantas escolas e coletivos se soltem dessas amarras e tentem ser criativos para dar conta dos complexos e irreguláveis processo de ensinar-aprender, de ser profissionais do campo tão dinâmicos do conhecimento e da formação humana.” (2011, p.47).

2.3 Os Licenciandos e a realidade percebida diante das características dos diferentes espaços educativos

Os licenciandos em formação se configuram como docentes atuantes da educação básica pública, segundo o regulamento da Universidade do Vale do Itajaí (2011) realizou-se os estágios, pois, mesmo já sendo professores a prática configura-se como essencial para a formação afim de perceberem e refletirem com um novo olhar, ressignificando estes espaços a serem atuados como docentes em Arte.

Desta forma nos campos de estágio perceber, analisar, planejar, e aplicar o processo didático-pedagógico qual articulando com as demais disciplinas curriculares do curso, concebendo o alicerce teórico prático das prática para o

estágio supervisionado obrigatório. Tais práticas diante da ação reflexão ação, entre licenciando– prática – espaço, como ação multiplicadora do olhar sensível para a disciplina de Artes e sua implementação no intuito do aprimoramento da sensibilidade estética dos atores sociais.

A realidade atual existente nas escolas e salas de aula do país, principalmente do ensino público, percebeu-se que ainda há muito a ser realizado para um ensino principalmente em Arte com eficácia. O modelo e as propostas de ensino e aprendizagem estão em grande parte ainda apoiado exclusivamente nas aulas expositivas, na resolução de exercícios ou atividades de pinturas, cópias de obras de arte, e nas demonstrações realizadas pelo arte educador, não possibilitam nem apreciação, leitura nem muito menos a reflexão, identificação diante de tais imagens, quando não trabalham somente as técnicas ditadas sem nenhuma contextualização ou referência na Arte, rejeitando o contexto histórico cultural tão rico.

As atividades acabam por serem centradas no produto final e não no processo, não permitindo que o discente torne-se co-autor ou responsável por sua aprendizagem e desenvolvimento, não permitindo olhar crítico sensível sobre os conteúdos, nem tão pouco aprendizagem significativa.

O espaço para arte educação, ou seja, os espaços educacionais que abrange esta disciplina na educação básica, vem sendo alvo da recente discussão, pois, sua inclusão da arte na escola de forma mais efetiva, pois desde 1971, pela Lei 5692, a disciplina Educação Artística torna-se parte dos currículos escolares. Logo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, LDB nº 9.394/96) estabeleceu em seu artigo 26, parágrafo 2º que:

O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (...) A arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção

estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Muitas intenções e experiências vêm tecendo o campo que permeia esta área do conhecimento e disciplina. O corpo docente das escolas até mostram uma boa intenção, mas no momento de direcionar para as práticas de ensino em sala de aula, tanto por falta de formação adequada como por falta de estrutura, encontramos diferentes realidades entre teorias e práticas.

Segundo uma das autoras da abordagem teórica metodológica apropriada durante nossas intervenções, quanto ao ensino criativo referenciando o ensino de Arte ressalta que,

Ensino criativo é aquele que dá estímulo, entusiasmo e satisfação à aprendizagem. Esse ambiente criativo de ensino deve prover a criança com experiências ricas e com encontros que lhe permitam lidar com a fantasia, ser imaginativo, fazendo perguntas, maravilhando-se, investigando e testando suas próprias ideias e sentimentos contra os fatos. (BARBOSA, 1975, p. 60).

Mesmo podendo ter intenção da formação na promoção humana por intermédio da produção, da mediação e apropriação de conhecimento, pelo estímulo à cultura e ao progresso científico, contribuindo para a transformação e desenvolvimento da e em sociedade, quando se refere ao ensino da disciplina de arte muitas instituições, continuam a ter uma visão tradicional. Desenvolvendo, portanto uma metodologia dentro desta visão:

Em se falando de educação artística como uma pratica tradicional de ensinar arte deparamos com a preocupação de pesquisadores, professores e artistas que ao longo do tempo intervirem na pratica educativa a fim de mudar os objetivos pelo qual o ensino das artes vinha perseguindo, qual seja, o comprometimento do ensino artístico (desenho) visando uma preocupação para o trabalho (operário) originado no século XIX durante o Brasil Imperial e ainda presente no século XX. (Ferraz Fusari, 1992)

Sabendo que faz-se necessário que o aluno se identifique e sinta prazer no processo de ensino aprendizagem, para que este seja significativo e se efetive.

Assim, “as aulas de arte podem conter intensa alegria quando, damos aos alunos o direito de simplesmente experimentar, tatear, sentir o prazer de apenas explorar os materiais ou divagar entre ideias insipientes” (Castro Almeida, 2007; p. 19). E, neste convívio com os espaços educacionais, campos de estágio, que percebemos nosso dever como professores de arte criar oportunidades para que os alunos entrem em contato com as mais variadas experiências e formas de arte, seus contextos históricos, estimulando a criação e reflexão. De acordo com Ganzer, (2006 p.91):

Na tarefa de produzir conhecimento, o ensino da arte organiza também a pesquisa, com base em elementos concretos e pertinentes a vida e a cultura dos envolvidos. Estabelece a relação dialética dos saberes diferentes contextos culturais, e, com base neles, produz significações.

Alguns docentes acabam por empobrecer o processo, possibilitando atividades prontas, já lidas informações que se deseja repassar e não refletidas, pensadas, restringindo leituras e reflexões, ou até mesmo, a curiosidade, a liberdade de criação e de buscar informações a mais das já trazidas. Adquirir conhecimentos, resolver problemas, tomar decisões e enfrentar os desafios à sua própria maneira, de forma independente e criativa, estratégias poucas vezes identificadas nas observações pré-estabelecidas antes dos planejamentos das práticas de estágio. Segundo a artista e estudiosa, Fayga Ostrower (2009, p. 11), é “(...) precisamente na integração do consciente, do sensível e do cultural se baseiam os comportamentos criativos do homem”.

O perfil a ser alcançado pelo docente licenciando em Arte requer na sua formação atuar não somente na educação básica formal e não formal. Mas também como consta no referencial de Artes Visuais – Licenciaturas em BRASIL, atuar na construção de materiais didáticos para este fim, ampliando o olhar e as experiências, pensando nesta grande possibilidade de espaços para atuação, fortalecendo ainda mais o campo de estágio abrangência significativa para a formação docente.

2.4 O processo de construção de práticas significativas de estágio em Arte e suas percepções

A Arte nas escolas é muitas vezes usada como instrumento pedagógico, no desenvolvimento da coordenação motora, através da expressão cênica ou expressão plástica de um teatro lido, ou representação ao melhor momento de um passeio, quase sempre subordinada a outras disciplinas, estabelecendo assim uma confusão sobre os objetivos das atividades a serem desenvolvidas.

Assim, planejamento, prática e ensino-aprendizagem tem sido objeto de preocupação de pesquisadores e teóricos, tanto na busca de estratégias alternativas facilitadoras, quanto para o desvendar dos mecanismos e das práticas educativas que produzem o sucesso ou o chamado fracasso escolar.

Desta forma, as práticas de estágio aconteceram por diversas fases que elencarei à seguir destacando alguns dos principais momentos relativos a construção da prática aplicada.

O primeiro momento foi o de observação da gestão e do espaço educativo. Estas observações foram importantes para compreensão do funcionamento daquele espaço, diante das possibilidades de regras, sistematizações de aulas, horários e espaços. Estes momentos possibilitaram o contato com todo o universo educativo da instituição revelando suas especificidades de gestão educacional e funcionamento, com missão e valores agregados em seus projetos políticos pedagógicos.

O segundo momento possibilitou-se a observação dos ambientes educativos e das aulas de Arte. Diante destas observações pudemos dialogar com a professora efetiva da disciplina na Instituição a qual viria a ser nossa supervisora de campo durante as intervenções a serem realizadas. As trocas davam-se para discussões sobre currículos, conteúdos e metodologias a serem utilizadas e apropriação dos temas a serem abordados.

O terceiro momento foi o de planejamento, que diante das observações era chegada a hora do planejamento para o Plano de ação, os quais foram planejados com orientação das professoras docentes da Universidade, e pensado dentro de

todos os passos para que um bom planejamento requer para seu sucesso diante de uma prática docente de qualidade, preocupada efetivamente para um bom desempenho de ensino e aprendizagem. Planejar para esta realidade foi olhar para as características de cada público e cada realidade, pensada para cada necessidade.

Fazendo nossas as palavras de Paulo Freire (1979, p. 61), trazendo à consciência dos professores na hora do planejamento que o aluno:

[...] quanto mais for levado a refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço temporal, mais emergirá dela conscientemente carregado de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais.

A ação docente em Arte foram planejadas com base na metodologia de ação como mediação como estratégia didática, utilizada nas práticas durante nossas intervenções objetivando a construção dos conhecimentos entre sujeito e docente mediador. Tais reflexões sobre as práticas foram sistematizadas em forma de relatórios e ao término de cada semestre e socializadas diante de todo o grupo.

Ainda, ressalta-se segundo os PCNsEM (Brasil, 2008), quando estabelecem uma concepção contemporânea de arte, “considerada um conhecimento humano articulado no âmbito da sensibilidade, da percepção e da cognição” (p. 179). Trazendo ainda que, “conhecer arte é saber produzir, apreciar e interpretar formas artísticas e culturais em uma dimensão crítica e contextualizada, segundo os sistemas simbólicos que integram cada linguagem própria da arte” (Brasil, 2008, p. 180).

Ao tempo que, como bem destaca Ana Mae Barbosa no seu livro “A Imagem no ensino da arte” (2010):

Precisamos estimular a materialidade da produção em grupos, a imaginação criativa e o entendimento dos princípios articuladores da obra de arte, respeitando a especificidade de cada linguagem e de cada criador, através de oficinas, no trabalho direto com as artes e seus veículos para um maior desenvolvimento econômico do país. (BARBOSA, 2010).

Diante disso, para além dos conteúdos devemos levar os alunos a raciocinar, a questionar, compreender o contexto, entendo que arte é mais que

técnica ou habilidade, é história, é pensamento, sentimento, é experimentar, é fruir e fazer.

Tal qual estabelece a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), a importância dos professores de arte é o dever de:

Buscar e saber organizar informações sobre as artes através do contato com artistas, com documentos, com acervos nos espaços da escola e fora dela, (...) como também a ampliação das leituras estéticas nas diferentes linguagens para que o aluno possa melhor compreender o seu tempo, sua história e sua cultura. (SANTA CATARINA, 1998; p.202).

As reflexões tecidas durante as práticas vivenciadas orientam a favor de uma escola que valorize os aspectos educativos contidos no universo da arte dentro e fora da escola, ou seja, nos espaços educativos diversos. Assim, toda a comunidade e principalmente docentes arte educadores devem estar preparados para entender a arte como área do conhecimento, em mesmo pé de igualdade que as outras disciplinas dos currículos escolares. Desta forma, a formação docente é fortalecida constantemente diante da prática refletida mediante contato com os diversos espaços educativos nos diversos níveis de ensino.

Este contato efetivo com os espaços e suas reflexões construídas remeter a uma nova postura diante da realidade que encontraremos nas atuações de nossas práticas. Segundo Arroyo quando coloca sobre a experiência social e funções do tempo de escola ressalta que,

[...] se toda experiência social produz conhecimento uma das funções do tempo de escola será educar a sensibilidade dos(das) educadores(as) e dos(das) educandos(as) ao longo do percurso de formação para captar e conhecer a rica pluralidade de experiências sociais que tornam dinâmica e tensa a sociedade. (ARROYO, 2011,p.124)

Desta forma, devemos possibilitar que os docentes tornem-se flexíveis e atentos para as práticas docentes de modo que nos apropriemos de todas as experiências vividas mediante o contato com estes diferentes espaços. Espaços estes que requer dos educadores o comprometimento frente à prática criativa e efetiva, rompendo com os padrões repudiados durante observações realizadas.

3 Considerações Finais

Concluímos que as intervenções de estágios contribuíram e fortaleceram para com a formação docente, pois, possibilitou as percepções e vivências nos diferentes espaços de educação. Assim, a diversidade de público, estratégias e metodologias, nos diferentes níveis da educação básica possibilitou experiências diversas as quais fortaleceu muito as experiências do docente em formação. Assim, cabe ao docente descobrir as características inovadoras dos espaços educativos sejam eles formais ou não formais, direcionando a arte educação, propostas e planejamentos pensadas para, promover o pensamento crítico sobre a história e a cultura por meio das linguagens das artes.

Identificou-se que toda a comunidade escolar deve estar preparada para compreender e ver a arte como área do conhecimento, em mesmo pé de igualdade que as outras disciplinas dos currículos escolares, circunstância que nem sempre é atendida. Desta forma, a formação é fortalecida constantemente diante da prática refletida mediante contato com o espaço, sejam eles nos diversos níveis e formalidades de ensinos possibilitados no decorrer das práticas de estágios durante nossa formação docente.

As reflexões diante diferentes contextos sociais, culturais, de espaços formais ou não formais nos direciona a permear nossas práticas à inovações necessárias para uma prática efetiva aplicada diante dos reais objetivos da arte educação. Tais reflexões, orientam a favor de uma escola que valorize os aspectos educativos contidos no universo da arte e da educação estética dos docentes e discentes em formação inicial e continuada e a importância da vivência e experiência nestes espaços durante a formação docente.

O estágio docente cumpriu-se então com seu grande objetivo de fortalecer a formação do profissional docente no seu campo de atuação profissional, fortalecendo assim, a construção de experiências e vivências significativas e referências construtivas para seu campo de atuação profissional nos diversos espaços educacionais. Tais experiências e vivências foram o foco principal atrelados em teorias e práticas vivenciadas durante as práticas do estágio obrigatório que possibilitou a formação docente destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**, 2011. 2ª ed. Ed. Vozes.

BARBOSA, A. M. T. B. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA A. M.; **A imagem no ensino da arte**. 8ª Ed. São Paulo, SP: Perspectiva; 2010.

BRASIL; **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. 2008. (site) Disponível em: <<http://www.portaleducarbrasil.com.br/UserFiles/P0001/Image/PCNsEnsinoMedio/linguagens02.pdf>> Acesso em: 02/09/2013.

BRASIL. MEC – Conselho Nacional da Educação, 2005. **Parecer 15/2005**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0015_05.pdf>. Acesso em: 23 agosto de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, 2009. **Resolução Nº 1, de 16 de Janeiro de 2009**. (site). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 agosto de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, s/a. **Seja um professor- Principais Licenciaturas** in Referencial de Artes Visuais - Licenciatura. (site). Disponível em: <<http://sejaumprofessor.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 agosto de 2013.

BRASIL, 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 31 agosto, 2013.

CASTRO ALMEIDA, C. M.; Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, S.(Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 5ª Ed. Campinas, SP; Ed. Papirus, 2007.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. de R.; **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, P.; **Educação e mudança**. Rio de Janeiro; Paz e terra, 1979.

GANZER, A. A. Turbilhão de sentimentos e imaginações: as crianças vão ao Museu, ou ao Castelo... In: LEITE, M.I.; OSTETTO, E. L. (orgs.). **Museu, Educação e Cultura**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 85-103.

HORTA, M.L., GRUNBERG, E., & MONTEIRO, A.Q. (1999). **Guia básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial. 68p.

OLIVEIRA, Eloiza da S. G. de; CUNHA, Vera L. O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: desafios a vencer e construção de novas subjetividades. **RED. Revista de Educación a Distancia**. Murcia (*España*). v. 5, n. 14, p. 1-18, *marzo* 2006. Disponível em: < www.um.es/ead/red/14/oliveira.pdf > Acesso em: 10 maio 2012.

OSTROWER, F.; **Criatividade**. Petropolis, Ed Vozes, 2009.

SANTA CATARINA; **Proposta Curricular de Santa Catarina**, 1998.

UNIVALI; **Cadernos de Ensino: documentos institucionais**; Ed. UNIVALI, Itajaí, 2011.